

Cultura Digital:

Sob reflexos (Eco) e fluxos (Flusser)

Digital Culture:

Under reflections (Eco) and flows (Flusser)

Por Olira Saraiva Rodrigues e Cleomar de Sousa Rocha

Preâmbulo

A sociedade contemporânea encontra-se imersa em uma nova página da história, associada à transformação tecnológica e à globalização. Neste artigo, propomos destrinçar alguns conceitos concernentes a alguns aspectos que caracterizam esse contexto, tendo a tecnologia e sua aderência à cultura como pontos de observação. Em especial, o foco está voltado para a cultura digital e seu amálgama ao espírito de nosso tempo, o *Zeitgeist*.

A Matemática tomou lugar de relevo na primeira metade do século XX, lastreando-se por outras Ciências e, enquanto consequência, gerou novas disciplinas, conceitos e áreas de atuação. A tecnologia, surgida no Século XVIII (VARGAS, 1994), criou um palco onde se discutem as relações da humanidade frente a esse advento, discussões que se intensificaram com a tecnologia computacional, na segunda metade do século XX. O filósofo italiano Umberto Eco foi um dos atores desse palco, discutindo no livro *Apocalípticos e Integrados* (1993) o fenômeno do *mass media* – mídia de massa, e suas célebres posições em relação ao tema, em um discurso de adeptos e contrários às influências comportamentais e atitudinais que possibilitam intervir na formação de identidades culturais e sociais. A análise realizada pelo italiano torna-se singular quando atualizamos o assunto, tematizando a tecnologia digital, a mídia pós-massiva e conectividade.

Os extremos criados pelo filósofo italiano dão lugar, de um lado, ao grupo que vê nas tecnologias uma possibilidade de avanço e melhoria social, com a reinvenção da cultura e suas práticas. No outro extremo, alinham-se aqueles que enxergam na tecnologia um instrumento de autoritarismo e manipulação a serviço do domínio praticado por algumas empresas, aquelas que

comandam, majoritariamente, as informações e tecnologias existentes no mundo. Essa primazia resultaria em um alarme social que torna a sociedade refém, incapaz de avaliar seus valores e exercitar seu movimento natural e libertário.

Se Eco apontava para os erros cometidos por ambos os extremos, suas contribuições não ficaram ao léu. Tampouco seu eco deixou de ressonar ao longo da história recente. Umberto Eco finalizou sua análise com apontamentos para estudos, como a perspectiva de desdobramento da mídia, seus impactos e influência nas práticas sociais, os movimentos articulados entre os vários níveis culturais derivados dessas influências e, ao fim, de como os valores sociais são impactados, modificados ou criados pela força da mídia de massa.

Em suma, para o autor, o tema não se esgota no posicionamento histórico favorável (integrados) ou contrário (apocalípticos) à presença da mídia de massa, mas deve estender-se à compreensão de como tais mecanismos reverberam no tecido social.

Do mesmo modo, Flusser (2008) analisa criticamente a utilização de sistemas programados por aparelhos tecnológicos, conduzindo ao exercício de se repensar o uso inteligente, não mecanizado. Tal inteligência apresenta-se, justamente, no modo de compreensão de como tais sistemas são utilizados, e como isso pode afetar uma cultura.

À vista disso, a partir de Umberto Eco (1993) e Vilém Flusser (2002; 2008), este escrito pretende pensar a tecnologia e a conectividade, fenômenos que revelam a cultura contemporânea, com uma reflexão para alguns campos do conhecimento, como economia, gestão pública, educação, sociologia, dentre outros segmentos pelos quais se debruçam os estudos científicos, pelo viés tecnológico.

Reflexões flusserianas na cultura digital

A palavra cultura pode assumir inúmeros significados, dentre eles o de cultivo, civilização e modos de vida. Neste breve texto, sua vinculação semântica o enlaça com a tecnologia, notadamente diante da existência de conflitos nas bases valorativas socioideológicas, como apontado no preâmbulo.

Nesse enquadramento, cumpre buscar respostas para o papel que cabe aos veículos disponíveis no século XXI para tornar manifesto o convívio entre as gerações e as alternativas para uma sociedade que envelhece. De igual modo, pergunta-se o que a cultura oferece para mostrar a

questão do homem diante do tempo.

Há algum tempo, tem-se notado o adjetivo inteligente ser utilizado para crianças, adolescentes e jovens que usam artefatos tecnológicos ao demonstrarem familiaridade com os vários serviços oferecidos e inúmeros *gadgets* disponíveis no mercado, além da destreza em operá-los. Aparente e hipoteticamente, a aptidão é tamanha que impressiona os adultos, que aprendem com menor desenvoltura e velocidade que os infantes e a juventude.

Na observação de tais aspectos, o escritor estadunidense Marc Prensky desenvolveu a teoria dos nativos e imigrantes digitais, estabelecendo como marco divisor das gerações o ano de 1980¹. Os nascidos depois de 1980 teriam, segundo o autor, uma vivência já imersa no contexto da cultura digital, portanto considerados nativos digitais.

Diante disso, convém atentar sobre o fato de a cultura se assentar na pessoa, por ser fruto de experiências de vida, e não o contrário, de uma pessoa nascer em uma cultura, como se ela, a cultura, fosse algo externo ao indivíduo, e não exatamente atrelado e exercido por ele. Destarte, é possível estar imerso em uma cultura e não se deixar aculturar, do mesmo modo que é concebível se aculturar sem necessariamente estar imerso em uma cultura. Isso, por si, faz refletir sobre a teoria de Prensky, mais ainda, com a consideração de que o processo de digitalização não ocorre homogeneamente no mundo, existindo lugares, e muitos, cuja revolução digital se estagnou na teoria, não atingindo a práxis.

Se, por outro lado, problematizar a questão da interatividade, considerando que em vários momentos as mídias sociais acabam por não apenas parametrizar as possibilidades interativas, mas efetivamente instruí-las, em uma perspectiva esvaziada de visada crítica, talvez haja pensamentos mais densos sobre quem domina quem, se a tecnologia domina alguns usuários ou se é efetivamente o contrário.

O filósofo Vilém Flusser, em seu livro *Filosofia da Caixa Preta* (2002), já chamava a atenção para a possibilidade de os indivíduos serem meros operadores de máquinas, o que reflete as possibilidades de liberdade e criação em uma sociedade amplamente tecnológica. Embora, nessa obra, o autor enfatize a câmara fotográfica e, por conseguinte, a fotografia, sua abordagem se aplica tranquilamente a qualquer espécie de imagem técnica, inclusive as digitais.

¹ Antes desse ano, temos os imigrantes digitais, aqueles que nasceram antes da revolução dos meios digitais.

O argumento é que os usuários das ferramentas aprendem, ou sejam treinados, a operar a máquina exatamente como se espera, sem qualquer lastro crítico. Em outros termos, seriam novos pombos nas caixas de Skinner, o pai da psicologia comportamentalista. O comportamento do usuário não seria apenas controlado, mas absolutamente manipulado.

Assim, após o surgimento do computador, estudiosos retomam os conceitos firmados nas reflexões flusserianas, como de funcionário, por exemplo. Flusser (2008) denomina funcionário o indivíduo que lida com máquinas (aparatos tecnológicos) e extrai imagens técnicas. A crítica fundante do autor é a substituição de aprendizagens por programações, enfim, a automaticidade. Segundo o autor, não há uma real liberdade e uma escolha totalmente livre expressa nas imagens técnicas, tudo é previamente determinado e estabelecido.

Para Machado (2002, p. 155), em seu texto *Repensando Flusser e as imagens técnicas*,

Aparelhos, processos e suportes possibilitados pelas novas tecnologias repercutem, como bem o sabemos, em nossos sistemas de vida e de pensamento, em nossa capacidade imaginativa e nas nossas formas de percepção do mundo. Cabe à arte fazer desencadear todas essas consequências, nos seus aspectos grandes e pequenos, positivos e negativos, tornando explícito aquilo que nas mãos dos funcionários da produção ficaria apenas enrustido, desapercibido ou mascarado.

Isso posto, repensar esses novos processos formativos, deixando nítido o objetivo de tal projeto tecnológico, talvez fosse, para Flusser, a maneira da liberdade apregoada pelo autor, mediante uma análise crítica da utilização de sistemas programados por aparelhos. Uma, enfim, possibilidade de revolução. Na observação refletida de alguns comportamentos de jovens e crianças, e mesmo adultos, que atendem aos chamados das mídias sociais fazendo uso dos *apps* da moda sem qualquer criticidade e pudor, conduz ao exercício de repensar o uso, inteligente, para os operadores de *apps*, imersos em seus *smartphones* em todos os pontos da urbes.

De início, os recursos tecnológicos deveriam ser tidos como meios para agilizarem e proporcionarem soluções de comunicação e socialização. No entanto, é comum se deparar com um estado de torpor em que se encontram usuários de aplicativos, sendo conduzidos cada vez mais para uma dependência de conectividade, sem, sequer, um lastro utilitário ou de realização pessoal.

A tecnologia, base para a cultura contemporânea, é de tal ordem relevante, que seria impensável sustentar a cultura na ausência dela. De elevadores a computadores, sistemas bancários a matrículas escolares, a vida é completamente envolvida e resolvida, direta ou indiretamente, pelos modernos sistemas computacionais. Todavia, o uso mais doméstico e social,

movido pelas TDICs - Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação -, implica, ainda, densidade para alcançar a relevância benemérita do atributo inteligente.

Pensar a tecnologia ou a conectividade para resolver problemas sociais, comunitários ou mesmo individuais é uma perspectiva salutar e, incontestavelmente, inteligente, dado o lastro pragmático das ferramentas, capazes de processar, registrar e realizar uma quantidade sobre-humana de ações. Usar as redes sociais e demais mídias apenas como passatempo social, em uma perspectiva de ócio pouco ou nada criativo, é atender à demanda de mercado por usuários que efetivamente não criam inteligência, são antes meros manipuladores de interfaces gráficas, sendo treinados para o consumo de informações de baixa ou nenhuma relevância.

Nessa perspectiva, ser um usuário de mídias digitais não indica inteligência, per si. A inteligência da cultura digital está no modo como tais sistemas são usados, e como isso pode impactar uma cultura.

Educação e tecnologia: apontamentos críticos

Há muito, a tecnologia é reconhecida como conhecimento, e não equipamentos, aparelhos, ferramentas ou instrumentos tecnológicos, como pode parecer ao uso comum do termo. Essa consciência altera, e muito, como se aborda o tema da tecnologia e, principalmente, como pode ser utilizada para o lastro social. Tecnicamente, a tecnologia é um conhecimento validado pela ciência moderna, lastreada em uma comunidade científica, conforme nos coloca Vargas (1994). Tecnologia não é, como pensam muitos, um artefato ou dispositivo tecnológico, como computador ou *smartphone*. Essa definição torna inteligível a transferência de tecnologia, na qualificação de uma equipe para entender e desenvolver determinados produtos, reconhecendo seu processo de feitura, no plano científico das ações. Fosse tecnologia um equipamento, e não um conhecimento, a transferência seria o simples ato de aquisição de um bem, como ocorre em uma transferência de um imóvel. A Ciência é a chave léxica para entender a tecnologia.

Em Educação, por outro lado, temos assistido e protagonizado uma mudança brusca de seu *modus operandi*: de um lado, a Educação a Distância muda o rumo do ensino superior no Brasil, com milhares de alunos enxergando na modalidade uma alternativa viável para sua formação, atrelada a uma exploração de mercado que cresce exponencialmente. Do outro lado, a área resiste à implementação de tecnologias do processo de ensino e aprendizagem, com um discurso que

destoa da prática. Em meio a tudo isso, uma indústria ávida por vender dispositivos tecnológicos e ganhar cada vez mais alunos mina a área, com a oferta de soluções para problemas inexistentes que apenas frustram os atores da área, os educandos e os educadores.

Enquanto o embate entre discurso e prática se consolida na educação, esvai-se a possibilidade de avançar e pautar discussões prementes para a raquítica educação brasileira. Em terras de brasa, o índice de aprendizagem é alarmante, e discutir o processo de ensino e aprendizagem parece estar obsoleto, já que a cultura educacional, baseada em um modelo copista, não encontra melhor método para copiar e tampouco possui criticidade, bom senso e competência para buscar soluções para seus próprios problemas. Novamente, aqui, a tecnologia urge.

Antes de desatar o nó nessa trama, é mais cômodo imputar culpa ou agarrar-se às tais soluções mágicas de distribuição de computadores, colocar uma lousa interativa em sala ou colocar uma câmera para identificar os alunos que chegam ou saem das instituições de ensino, quando, na verdade, seria necessário um desdobramento da concepção de aprendizagem, no entendimento de que sala de aula é um conceito, e não um local. Esse pensamento implica, embora não haja sinonímia, com a escola peripatética de Aristóteles. Se na Grécia o método incluía caminhar, a moderna noção de sala de aula implica entender que todo lugar é passível de ser espaço de aprendizagem, visto que o verdadeiro espaço de aprendizagem é o cérebro, a mente pensante. Mais que trazer o aluno para o ambiente escolar, a opção de levar o aluno ao mundo tem se mostrado mais eficaz, com melhor envolvimento do aprendiz em seu próprio aprendizado.

As noções mais modernas de educação apontam para algumas questões-chave, que por si mudariam a perspectiva da aprendizagem. Essas discussões passam ao largo, infelizmente, dos temas debatidos pela área, em seus congressos e similares. Não se aprende para fazer, na concepção ultrapassada de que a escola prepara para a vida, ainda que profissional. A escola é vida, e aprende-se fazendo, alterando a realidade circundada. Os estágios são uma pequena amostra de como a inserção no universo produtivo, ao longo da formação, resulta em melhoria de qualidade. Enquanto algumas instituições querem trazer o aluno para suas salas, outras querem mostrar o mundo aos alunos, buscando resolver problemas reais, como ocorre em várias instituições estrangeiras que provocam seus alunos em ações humanitárias e sociais.

E se o mundo é o amálgama para se aprender, a cidade torna-se o melhor laboratório, cada vez mais imbuída de realizar a vida. A cidade atualiza o laboratório, antes tido como salas especializadas das escolas e universidades. Nos anos 1990, as escolas correram para ter seus

laboratórios, para pouco depois descobrirem que não sabem o que fazer com eles. Hoje, concebe-se a cidade como um complexo laboratório, capaz de prover a estrutura e recursos pedagógicos para várias atividades, estendendo seus espaços de práticas educativas para além dos espaços formais, com uma relação de complementaridade com os não formais e informais, enquanto físicos, além dos espaços digitais.

O professor não está no controle; jamais, de fato, esteve. O presenteísmo em sala de aula é um problema que se avolumou, culminando na evasão escolar. A falta de sentido não apenas do que é ensinado, mas do modo como o é, é preocupante, nas escolas tradicionais. A distância que os conteúdos programáticos estabelecem com o mundo do aluno parece ser similar à distância que a escola estabelece com a comunidade, com a sociedade. Assim sendo, a revisão dessa realidade torna-se premente. Uma emergência no melhor estilo *bottom-up* faz surgir novas perspectivas, tendo a tecnologia como motor de propulsão.

O uso de dispositivos tecnológicos deve se coadunar com práticas de ensino e aprendizagem que privilegiam as habilidades e competências, tendo o mundo como perspectiva de atuação, de exercícios. Antes de discutir que dispositivo tecnológico usar em sala, será preciso discutir, com a criticidade necessária, que tipo de escola se almeja. Trata-se, portanto, de discutir tecnologias educacionais.

Para além da educação, o entendimento da tecnologia deve estar intrinsecamente atrelado à cultura. As práticas sociais estão indissociáveis à humanidade digital, com a prerrogativa de afetar a sociedade por meio da inovação tecnológica.

Tecnologia: emergência contemporânea

O conhecimento da cultura contemporânea define, sem sombra de dúvida, um lastro tecnológico, justamente por configurar a pedra fundamental para as práticas sociais. A sociedade contemporânea é um modelo criado pela ciência, hoje sustentado pela tecnologia - conhecimento científico. A população mundial vive e consome a partir do que postula a ciência, nos vários campos, desde a economia, política, logística, medicina, engenharia, educação, sociologia, enfim, de todos os segmentos sobre os quais se debruçam os estudos científicos. Da vacina aos tratamentos médicos, do cartão de crédito à tecnologia de impressão de cédulas, da comunicação pela Internet à logística de produção e distribuição de alimentos, os padrões de melhoria de performances são

a tônica que conduzirá o mundo a uma nova revolução que preocupa muitos, mas que serve de motivação a uma maioria.

Se há, e realmente há, a preocupação com a perda de postos de trabalho em vários segmentos, é sabido que outros tantos postos, em outras áreas, surgirão. Extinguem-se vagas de trabalhos braçais, surgem vagas nas áreas criativas da tecnologia da informação, do entretenimento e do turismo. Se o campo melhora sua performance produtiva com a automação, esse mesmo campo aquece a economia em outras áreas, gerando novos empregos e renda.

Se a tecnologia da informação dinamiza as relações sociais, há de apontar para a otimização, em vários níveis, do setor público com essa implementação. De início, possibilitar abrir processos pela Internet reduz o tempo gasto pelo cidadão, que passa a ir direto à solicitação, não demandando deslocamentos e filas para o atendimento. A impressão de formulários e gastos com envio e recebimento de processos igualmente são eliminados, com economia significativa nesse meio. A tramitação é mais veloz, já que é automática, com possibilidade de acompanhamento, pelo cidadão e pelos gestores, de todo o processo, identificando gargalos que precisam ser eliminados. A transparência é outro fator legitimador do uso de tecnologias voltadas para o social. Uma vez registrados, os dados podem ser conferidos e acompanhados, reduzindo significativamente a possibilidade de fraude, favorecimento ou negligência.

De um modo e de outro, a inserção de tecnologias nos serviços públicos é um avanço não apenas necessário, mas também de todo benéfico para o contexto brasileiro e que resulta, necessariamente, na melhoria dos serviços, na agilização dos processos, na devolutiva social e redução de possibilidade de fraudes e corrupção, justamente pela perspectiva de transparência e visibilidade das ações. A tecnologia é uma emergência contemporânea, também nos campos da política e dos serviços sociais.

O investimento em tecnologia pode reduzir custos e fazer avançar a sociedade. Os e-mails, por exemplo, proporcionaram uma agilidade de contato e fizeram avançar uma série de áreas, acelerando o desenvolvimento social, cultural e científico, além de reduzir despesas com papel, impressão e envio de mensagens e documentos. No lado oposto, projetos como “Um computador por Aluno”, que distribuiu milhares de computadores baratos a alunos no mundo inteiro, resultaram em baixíssima melhoria no ensino, por uma série de fatores, a iniciar pela ausência de formação de professores para além da técnica, mas a partir de um senso epistêmico, pontuado em um trabalho pedagógico crítico e reflexivo.

O problema, neste caso, foi não enxergar que a tecnologia não está no computador, mas em seu uso. A distribuição de computadores não soluciona problemas, como colocar telas interativas nas escolas também não resolve nada. O investimento deve ser centrado em um programa que aculture professores e alunos, adotando mecanismos que usem as telas interativas para melhorar o desempenho do processo de ensino e de aprendizagem. Trata-se de programas continuados de melhoria do processo, a partir da inserção da tecnologia, e não simplesmente disponibilizar equipamentos.

A inserção de um sistema de tramitação de documentos em um órgão público, para citar outro exemplo, pode dinamizar a tramitação de processos, reduzir o consumo de papel e impressão, eliminar deslocamento de pessoas que levam e trazem os documentos - menos pessoas, menos automóveis, menos combustível - além de auxiliar na revisão do percurso burocrático de cada processo, reduzindo tempo e economizando recursos.

O bom investimento em tecnologia depende, essencialmente, de saber que problema ela solucionará, a qual demanda atenderá. Caso não se conheça o problema, certamente o problema serão os aparelhos adquiridos, tornando-se um gasto em tecnologia, em vez de um investimento e uma solução nessa área.

Pensamentos fluidos (Flusser) e ressonantes (Eco)

Em um mundo tecnológico, representado pelo modo de vida atual, a tecnologia tem enredado a sociedade diariamente pela cibernética, computação eletrônica, engenharia genética, engenharia molecular, nanotecnologia, biotecnologia, tecnologia de informação, automação industrial, tecnologia medicinal, tecnologia assistiva, engenharia de produção, e uma infinidade de outras tecnologias avançadas, que suscitam à reflexão a respeito da natureza dessa tecnologia, sua necessidade e função social e, além, sobre os impactos que ocasionam a geração de novas formas de relações pessoais e novas formatações institucionais, cujas presenças em rede traduzem, o que para Flusser se tratava de superficialidade na imagem técnica, uma presença sempre líquida e mutável, diante das possibilidades de navegação no sistema em rede, em constante fluxo.

O fenômeno, a base crítica e as inovações tecnológicas, em visões e versões, revelam a sociedade contemporânea envolta em um novo capítulo, que absorve e sonda a comunidade social em configurações absolutamente novas.

O fato é que, a despeito de apocalípticos e integrados, a cultura de massa, com sua indústria cultural, teve seu momento na construção coletiva de uma perspectiva de mundo, de uma sociedade. Perspectivada do momento posterior, e já há algum tempo, o *modus operandi* social parece repetir, com algumas alterações, o que foi descrito pelo filósofo Umberto Eco (1993), agora em relação ao digital pós-massivo.

E será a despeito dos novos apocalípticos e integrados que a trama social viverá seu momento, indelevelmente marcada pela tecnologia. Aliás, já o vive, com suas redes sociais (des)integradoras, com as práticas sociais (des)niveladas, com a perspectiva de fazer melhor orientando uns, e o medo de se fazerem piores amedrontando outros. E a tecnologia segue, sustentando o modelo social contemporâneo, criado pela Ciência, (des)acalentando a todos. E talvez isso ocorra porque o movimento contínuo da cultura e da sociedade não seja definido por esses dois extremos, mas sua verve esteja justamente entre eles, importando-se menos com suas extremidades que com seu corpo volumoso que rege, frenético, a urgência do tempo.

Ainda assim, é preciso manter a emergência gerida e gerada pelos apocalípticos e pelos integrados. Os últimos, buscando fundamentar um modelo melhor dimensionado de sociedade, com o auxílio dos aparatos tecnológicos e dos conceitos que adjetivam de inteligente o que surge dessa construção social; e os primeiros, supervisionando as práticas estabelecidas a partir desses aparatos, como atentos policiais que asseveram a ordem e sondam, fio a fio, a trama que se forma.

O ser social está incumbido - nessa construção histórica do envolvimento com as mídias massivas e pós-massivas, dos extremos e do meio, dos Umbertos e dos ecos - da percepção e humanidade das tensões teóricas e práticas que faz avançar, retroceder e, principalmente, enxergar tais movimentos, para inferir e interferir nesse processo simbiótico.

Olira Saraiva Rodrigues
Universidade Estadual de Goiás
Doutora em Arte e Cultura Visual / UFG
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2371-3030>
E-mail: olirarodrigues@gmail.com

Cleomar de Sousa Rocha
Universidade Federal de Goiás
Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas / UFBA
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0483-8380>
E-mail: cleomarrocha@gmail.com

Recebido em: 30 de maio de 2020.

Aprovado em: 3 de setembro de 2020.

Referências:

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1993, 5a ed.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa-preta** - Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas**: elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.

MACHADO, Arlindo. Repensando Flusser e as imagens técnicas. In: LEÃO, Lucia (org.). **Interlab**: labirintos do pensamento contemporâneo. São Paulo: Iluminuras/Fapesp, 2002.

VARGAS, Milton (Org.). **História da Técnica e da tecnologia no Brasil**. São Paulo: UNESP: CEETEPS, 1994.

Resumo

A proposta deste artigo é clarificar questões que problematizem a noção preestabelecida de transformação comportamental humana, diante do contexto da cultura digital, com a compreensão de posicionamentos integrados e apocalípticos de Umberto Eco (1993), frente às inovações tecnológicas. Além de dar visibilidade à opacidade de alguns mitos pré-determinados da utilização dubitável do termo inteligente, enquanto atributo de perspicácia e inteligência, diante da análise crítica de Flusser (2008), sob o modo de compreensão de como sistemas programados por aparelhos tecnológicos são utilizados e como, a partir disso, a cultura é afetada.

Palavras-chave: Inovação Tecnológica. Contexto Cultural. Contemporaneidade.

Abstract

The purpose of this article is to clarify issues that problematize the pre-established notion of human behavioral transformation, in the context of digital culture, with the understanding of integrated and apocalyptic positions of Umberto Eco (1993), in face of technological innovations. In addition to giving visibility to the opacity of some pre-determined myths of the dubious use of the term intelligent, as an attribute of perspicacity and intellection, in the face of Flusser's critical analysis (2008), under the way of understanding how systems programmed by technological devices are used and how, from there, culture is affected.

Keywords: Technological Innovation. Cultural Context. Contemporaneity.

Resumen

El propósito de este artículo es esclarecer cuestiones que problematizan la noción preestablecida de transformación del comportamiento humano, en el contexto de la cultura digital, con la comprensión de las posiciones integradas y apocalípticas de Umberto Eco (1993), frente a las innovaciones tecnológicas. Además de dar visibilidad a la opacidad de algunos mitos predeterminados del uso dudoso del término inteligente, como atributo de perspicacia e intelección, de cara al análisis crítico de Flusser (2008), bajo la forma de entender cómo se utilizan los sistemas programados por dispositivos tecnológicos. y cómo, a partir de ahí, se ve afectada la cultura.

Palabras clave: Innovación tecnológica. Contexto cultural. Tiempo contemporáneo.